

## **HISTÓRIA ORAL E MEMÓRIA: REGISTRO DA SEGUNDA TURMA DE HISTÓRIA UFPB/PEC-MSC**

**Carla Maria de Almeida**

Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba  
carlaa\_almeida@hotmail.com

**Henny Nayane Tavares de Araújo**

Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba  
henny\_tavares@hotmail.com

O presente trabalho visa apresentar resultados parciais do projeto “História, Memória e Documentação Visual: Programa de Educação Continuada – Movimentos Sociais do Campo (PEC-MSC)”, financiado pelo CNPq, coordenado e orientado pela professora Regina Maria Rodrigues Behar<sup>1</sup>, com a participação de seis alunos bolsistas do curso de História e ainda, com a participação e apoio da professora Cláudia Cristina do Lago Borges<sup>2</sup>. O referente projeto tem o objetivo de acompanhar e produzir registros históricos acerca da segunda turma do curso de Licenciatura Plena em História para Movimentos Sociais do Campo

O Departamento de História da UFPB possui dois cursos de graduação, um, semelhante aos demais cursos, tem a entrada dos alunos pelo vestibular universal, e outro, destinado a atender um público de assentados e vinculados aos movimentos sociais do campo. O primeiro, denominado pelos professores de “extensivo”, por ter seu cronograma dividido em nove períodos de quatro meses, de acordo com o calendário universitário. E o segundo, o “intensivo”, por ter um caráter denso e sequencial, dividido em etapas que duram em média dois meses, no chamado tempo-escola, em que os alunos assistem as aulas durante a manhã e a tarde, e ficam alojados conjuntamente. Após o término de uma etapa, os alunos regressam para suas cidades, retornando às suas atividades de militância aplicando, em seu cotidiano, o conhecimento teórico recebido em sala de aula, chamado de tempo-comunidade.

O ingresso dos estudantes da turma de História PEC-MSC (Programa de Educação Continuada – Movimentos Sociais do Campo) se fez por meio de um

vestibular eliminatório restrito apenas aos militantes camponeses. A primeira turma iniciou o curso no ano de 2004, finalizando em 2008. Nesse mesmo ano, iniciou a segunda turma, que finalizará o curso em dezembro de 2011. Inicialmente, a turma era composta por sessenta alunos, oriundos de todas as regiões do Brasil, dos quais onze desistiram e uma faleceu, resultando em quarenta e oito alunos ligados ao Movimento dos Sem-Terra (MST), Pastoral da Juventude, Comissão Pastoral da Terra (CPT), Quilombolas, Movimento dos Pequenos Agricultores.

Criado na Universidade Federal da Paraíba por meio da Resolução 16/2004, de 27 de maio de 2004, dentro do Programa Estudante Convênio, por meio de uma parceria entre o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), a Fundação José Américo e a UFPB, este curso representa uma nova experiência para o ensino superior público brasileiro, ele dá a oportunidade às pessoas com limitações ao ingresso na Universidade, em virtude de suas participações no referido movimento.

A proposta do projeto é registrar a memória de um grupo de pessoas envolvidas na luta pela terra e suas experiências no espaço universitário. É apresentar, através deste, a importância do curso para a democratização do ensino superior, em que pessoas oportunidades reduzidas de ingressar numa universidade, se encontram inseridas nela. É contar a história dos “que não tem a história oficializada”(MEIHY, 1996).

Apesar de trabalhar, predominantemente, com a gravação de áudio visual, pode-se afirmar que uma das principais metodologias utilizada na construção do projeto, foi a metodologia da história oral, pois levou-se em consideração o que afirmou Meihy (1996) em suas discussões sobre o que seria tal método:

Inegavelmente os projetos que envolvem vídeo tem atraído grande número de adeptos. Nesse caso, deve-se considerar entrevistas filmadas parte integrante da história oral, ainda que mereçam tratamentos diferenciados. Uma vez que a filmagem implica a soma do som com imagem, exige-se: postura determinada do depoente, definição do comportamento e do papel do entrevistador e a quase-obrigatoriedade da presença de outro ou outros participantes. Essa situação implica, pois, um conjunto de procedimentos diferentes da gravação feita exclusivamente com gravador comum. (p.28)

A história oral tornou-se, com a modernidade, um recurso paralelo à documentação escrita, apresentando a forma de captação através do áudio, é utilizada, principalmente, para o registro da vivência de grupos. Todavia, é importante ressaltar, que nem toda gravação ou entrevista constitui produto da história oral, essas podem se

tratar simplesmente de documentos orais ou sonoros. O trabalho com essa metodologia requer todo um processo de atividades realizadas antes e depois da gravação dos depoimentos.

No nosso projeto consideramos a importância das etapas anteriores às entrevistas, realizamos levantamento de dados e nos dedicamos às discussões em torno dos roteiros e das formas apropriadas de aproximação aos entrevistados. Levamos em conta a obtenção de informações básicas e relevantes, pois, como afirma Thompson (1992), quanto mais se sabe, mais provável é que se obtenha conteúdo valioso numa entrevista.

Durante esta primeira fase, foi constante a preocupação para que a formulação das perguntas estivesse adequada ao contexto e também para que essas questões fossem ao mesmo tempo amplas e pertinentes, capazes de gerar respostas que fugissem de generalizações evasivas e repetitivas.

Algumas das entrevistas foram coletivas e estimuladas pela presença de fotografias, outras foram individuais e realizadas sem estímulos para além do formato básico pergunta-resposta. Não existiu um processo de escolha dos alunos entrevistados, na realidade, a seleção se deu de forma espontânea, foram gravados depoimentos daqueles que se sentiram mais a vontade na presença da câmera e do gravador e que decidiram expor suas opiniões e vivências.

Por se tratar de um projeto diferenciado, que trabalha também com a captação visual e que tem uma finalidade extra (a produção de um documentário), as etapas pós-gravação foram pensadas de forma distinta. Os estágios que geralmente se seguem à gravação são a transcrição e a textualização, no entanto, no nosso projeto ainda não estamos trabalhando nessas atividades, por enquanto, estamos nos concentrando no estudo do material coletado e do seu potencial como registro histórico, como discurso político e como imagem artística.

Outras etapas pós-entrevistas, típicas da metodologia da história oral, que pretendemos realizar de forma atenciosa e ponderada são as etapas de conferência e de arquivamento. Temos como responsabilidade e objetivo expor o material documentado aos depoentes, buscar suas autorizações e incorporar suas ressalvas. E também temos o compromisso de disponibilizar as gravações de forma organizada e protegida, para posterior utilização a futuros pesquisadores.

A escolha pela metodologia da história oral para o projeto foi feita por seu caráter mais democrático, estando relacionada ao movimento conhecido como “história vista de baixo” a história oral e seus métodos permite que aqueles que participaram da vivência histórica considerada expressem seus pontos de vista, permite que suas palavras, memórias e interpretações sejam incluídas nos registros históricos e nas produções historiográficas.

É verdade que os métodos da história oral podem também ser utilizados para registrar a vida pessoal de elites diversas e para outras temáticas com uma vinculação política apenas indireta. No entanto, é fato que tal metodologia aliada ao compromisso social dos pesquisadores é uma das mais capazes no sentido de “dar voz aos sujeitos” que estavam à margem (THOMPSON, 1992) e no propósito de engendrar reinterpretações de fatos cristalizados pelos documentos oficiais.

Trabalhar somente com fontes tradicionais e construir uma história oficializada seria uma escolha incoerente com o próprio perfil da turma. Composta por alunos provenientes de movimentos que sempre lutaram por mais espaço nos meios de comunicação, nas políticas públicas e na sociedade em geral, a turma com um grau de consciência social relevante, não seria bem representada por uma construção histórica que deixasse de lado os sujeitos. Portanto o intuito do projeto, ao utilizar a história oral, visa contribuir com a construção da memória do curso e da Universidade e também dar historicidade ao processo de luta dos movimentos sociais do campo no âmbito da educação.

## Notas

1. Possui graduação em Licenciatura Plena Em História pela Universidade Federal da Paraíba (1987), mestrado em História pela Universidade de Brasília (1992) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2002). Atualmente é professora Adjunta do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba. Tem atuação em pesquisas voltadas para história do Brasil no período republicano, com interesse nas temáticas que envolvem discussão a propósito da relação artes/história, cinema/história e imagens/ensino de história.

2. Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1995), mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) e doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2008). Atuou como professora substituta do Centro de Ensino Superior do Seridó; professora e coordenadora do núcleo de Pesquisa e Pós-graduação da Faculdade Católica Santa Teresinha, em Caicó/RN. Tem experiência na área de Arqueologia, com ênfase em Arqueologia Pré-Histórica; e em História Colonial, especialmente sobre a escravidão em áreas pecuaristas e irmandades religiosas de negros. Atualmente é professora adjunta do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba

### **Referências Bibliográficas:**

- BEHAR, Regina. *O uso do vídeo no ensino de história*. João Pessoa: CCHLA/Universitária UFPB, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário* (tradução: Mônica Saddy Martins). Campinas-SP: Papirus, 2005.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. 3º ed. (tradução: Lólio Lourenço de Oliveira). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.